

**10^a MOSTRA
ACADÊMICA
UNIMEP**
23 a 25/10/2012

Tema:

**Qualificação e Expansão da Educação Superior
no Contexto do Plano Nacional de Educação**



10º Simposio de Ensino de Graduação

IDOSOS EM UMA INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA: EXISTÊNCIA E MORTIFICAÇÃO DO EU

Autor(es)

KAREN CHRISTINE CAMOSSO BORGES

Co-Autor(es)

MAURO BARBIERI JUNIOR
SAMUEL PEDROSA

Orientador(es)

MARIÁ APARECIDA PELISSARI

1. Introdução

Há dez anos, o relatório da V Caravana Nacional da Comissão de Direitos Humanos destacava que nosso país envelhece rapidamente e o perfil demográfico do brasileiro desde os anos 60, mostra que esse processo está determinado, por um lado, pela redução abrupta da natalidade, nas últimas décadas e de outro, pelo aumento da expectativa de vida dos brasileiros. Possivelmente em 20 anos os idosos abrangerão 32 milhões e representarão cerca de 20% do total da população. Esses indicadores são impactantes diante de nossa cultura de asilamento especialmente se considerarmos que as ILPI é um sistema social que apresenta complexidade organizacional e fragilidades no cumprimento e satisfação de metas específicas relacionadas às necessidades humanas básicas. É intenção da política nacional do idoso assegurar-lhe os direitos sociais, para assim promover os direitos individuais, ou seja, sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade. Na realidade conhecida, para além das propostas legais, encontra-se que, frequentemente, a população residente na ILPI é heterogênea, tanto em idade, como em condições de saúde. Encontram-se deficientes visuais, mentais, pessoas com distintos diagnósticos psicopatológicos (esquizofrenia, psicóticos, quadros demenciais) e ainda pessoas com aproximadamente 50 anos com seqüelas de AVC e também alcoolistas. Partimos do pressuposto que a ILPI é um novo contexto socializador que impõe uma vida coletiva, na maioria dos casos não desejada, e que surge como ameaça à identidade e singularidade do idoso. Embora não se possa atribuir a ILPI uma característica de instituição total, tal como definida por Erving Goffman (1979) ela apresenta alguns traços característicos das instituições totais ainda que com graus distintos: rigidez de horários e regras quotidianas, devassa à privacidade e intimidade, à ausência de espaços privados, à imposição de atividades e progressivo afastamento de papéis e funções que conferem o sentimento de identificação e utilidade social. Disto se desdobra o empobrecimento dos relacionamentos, das possibilidades de sociabilidade e engessa a convivência. Esta situação é mais evidente quando se trata de idosos dependentes, sem família, ou que, por motivos vários se encontram completamente à mercê do apoio das cuidadoras. Essa condição de existência compromete a identidade como processo de identificação, valorização e realização produtiva e participativa, impondo- por força das circunstâncias- outra a identidade: a de idoso institucionalizado que se inicia no ritual de entrada, a partir do seqüestro e arquivamento da identidade do ingressante e o início da morte social (Figueiredo, 1997).

2. Objetivos

- 1) Desenvolver atividades lúdicas e pedagógicas que acrescentem o reconhecimento e o auto-reconhecimento do idoso, facilitando a sua interação e a convivência;
- 2) Contribuir para o resgate de memórias e lembranças inerentes ao processo de identidade.
- 3) Facilitar a superação da condição de serialidade para uma condição de grupo, resgatando a partir de situações coletivas e experienciais, aspectos afetivos, cognitivos, valorativos e operativos que constituem suas subjetividades e o processo identitário do idoso.

3. Desenvolvimento

Nosso trabalho de intervenção foi realizado em uma instituição de longa permanência para idosos, situada em uma cidade do interior de São Paulo, que existe há mais de 100 anos no mesmo local, acolhendo, abrigando e amparando idosos que não têm condições de se manter por seus próprios meios ou que se confiaram, por opção própria ou da família, aos cuidados da instituição. A instituição comporta hoje aproximadamente 480 idosos de ambos os sexos, que estão divididos em chalés (casas próprias), flats (apartamentos) e pavilhões. Esta divisão é feita a partir da condição financeira, física e mental dos idosos. São sete pavilhões – a moradia mais intensamente preocupante - são diferenciados por nomes e pela população que estes comportam. Em cada pavilhão há uma responsável que monitora as cuidadoras e aplica e controla a manutenção de algumas regras ao local. Existem na instituição inúmeras cuidadoras e profissionais da enfermagem, psicóloga e demais integrantes do staff administrativo. Nosso trabalho foi destinado e orientado para lidar diretamente com os idosos residentes nos pavilhões. Iniciamos nossa inserção realizando um levantamento com dados numéricos e nominais sobre a população residente nos pavilhões. Este levantamento possibilitou conhecer de quais atividades os idosos já participavam ou quais eles gostariam de iniciar. Além disso, passamos a conhecê-los em termos de idade, condições físicas, mentais e disponibilidade emocional para participar de uma atividade coletiva. Avaliamos também quais eram cadeirantes e quais conseguiriam se locomover com ajuda e/ou autonomamente. Esse levantamento durou cerca de um mês, de agosto a setembro, realizado uma vez por semana por nós alunos da graduação de Psicologia. Após isso, decidimos trabalhar com as idosas dos pavilhões mais próximos e ao local escolhido por nós, para reuni-las, foi um local protegido para configurar o agrupamento de idosas (um coreto coberto que ficava próximo aos pavilhões). Iniciamos levando para o grupo atividades que com materiais relacionados com os existentes no cotidiano das idosas e podiam ser conversas, dinâmicas, artes, música, filmes, entre outros. Na sequência a partir do processo dialético, lidaríamos com as condições objetivas e subjetivas que foram emergindo nas situações. Os participantes do grupo como já citado seriam algumas idosas, moradoras de alguns pavilhões, entretanto os moradores dos outros pavilhões também foram convidados a participar do grupo. O grupo foi composto por cadeirantes e por idosas que se locomoviam com alguma dificuldade, com faixa etária entre 70 a 90 anos de idade.

A maioria das participantes apresentava declínio cognitivo, de sociabilidade e acentuados sinais de Alzheimer.

Tivemos um total de 34 encontros, sendo grupo aberto, ou seja, a participação era livre, e cada encontro teve a duração em média uma hora e trinta minutos. Nesses encontros as intervenções eram realizadas com o uso de alguns materiais como: músicas antigas, sachês com cheiros conhecidos, comerciais antigos, filmes, quebra-cabeças, dominó, cubos de encaixar, jogo da memória, cubos lógicos, atividades com revista de corte e cole, jogo de bingo, telas para pintar e maquiagem.

Todos os encontros foram registrados em diários de campo individuais e discutidos em supervisão. Nesses, além de descrevermos as atividades realizadas, buscávamos refletir criticamente sobre a condição humana da velhice no geral e especialmente da velhice, sem ou com poucos recursos materiais, que se encontra institucionalizada.

4. Resultado e Discussão

No que diz respeito ao trabalho direto e frequente com as idosas, pudemos perceber o ‘reviver’ da cognição e evocação da memória através de estímulos: visual, musical e sensorial produziu. Além da evolução destes, outra forma de relacionamento e de sociabilidade também apareceu. Durante a evolução dos encontros pôde-se conhecer fragmentos de histórias de vida e a capacidade de compartilhá-las, assim como a fixação e a cristalização do papel do idoso institucionalizado. Através do resgate de fragmentos factuais de suas histórias de vida, reaparece em “flash” o conhecimento que tinham de si mesmas, de seus papéis sociais e de suas identidades, fragilizadas pelo envelhecimento. Ciampa (1985) diz que quanto mais dados temos acerca de nós mesmos melhor nos conhecemos. Dessa forma conseguimos resgatar nossos papéis sociais. Outro aspecto observado nas idosas da instituição é factual condição de serialidade e de isolamento. Reboredo (1994) ressalta que segundo Sartre, a serialidade é um tipo de relação humana, onde os indivíduos são indiferenciados e podem facilmente ser substituídos por outros, pois todos são “idênticos”. A serialidade compõe uma série entre as relações entre as relações dos indivíduos, voltando o indivíduo para si mesmo, onde outro é um obstáculo.

Procuramos em nosso trabalho, ainda que pontualmente, incentivar aquelas idosas a vivenciar outras coisas não-cotidianas de modo a substituírem a alienação e a serialidade por uma forma de interação no grupo em que o resgate de suas histórias de as levassem a não se identificar apenas com “idosas institucionalizadas” tal qual a instituição produz. Esse processo de desenvolvimento foi longo. O agrupamento foi se configurando e à medida que a constância das atividades e das visitas persistiam, o vínculo foi se constituindo e o agrupamento foi se tornando algo com sentido e como referência. Iniciou-se como algo desestruturado, custoso e nós fomos os terceiros mediadores, na relação indivíduo-grupo, isto é, facilitadores desse movimento. No decorrer do tempo, mais ao fim do nosso estágio, já não precisávamos chamá-las, para os grupos, alguns deles pareciam ter autonomia e espontaneamente, pois vinham ou não para aquela atividade e delas participavam ativamente. Algumas atividades mostraram mais adequadas e são elas: músicas, jogos de dominó, recortes, figuras e pintura, nas quais percebemos preservação de muitos aspectos da cognição, da memória evocativa e afetiva, além da percepção tátil.

5. Considerações Finais

Com o trabalho efetuado, foi possível identificar a importância do trabalho psicossocial efetuado quando este proporciona ao idoso sair – ainda que por algumas horas - da condição de isolamento/serialidade/alienação, condição essa que o torna vulnerável e fragilizado, alimentando um processo de adoecimento veloz. Pode-se facilitar a interação e resgatar fragmentos da formação da identidade do sujeito e constituição de seu papel social através do movimento grupal, trabalhando os aspectos afetivos, valorativos e operativos e assim contribuir para a qualidade de vida.

Reconhece-se a importância de profissionais para realizar os trabalhos que possam ressignificar a identidade do idoso institucionalizado, desenvolvendo práticas que estimulem a memória, identidade, comunicação, integração e sociabilidade, potencializando reviver aspectos e características da identidade que não estão perdidos e necessitam de espaços coletivos para que possam ser compartilhados.

Essa experiência nos deu a convicção de que o investimento na realização de projetos sociais interdisciplinares de menor porte organizacional, contemplando projetos de vida que restituíssem o sentimento de pertença a uma comunidade, a utilidade social e despertassem os idosos para novos estímulos e sociabilidades, o futuro poderia ser visto pelo idoso com outras vontades, sonhos e expectativas, afastando assim a progressiva ameaça à identidade pessoal, sobretudo à medida que inexistem ou mesmo escasseiam as oportunidades de auto-afirmação, e, com isso, a prevalência da morte social. Percebemos que é possível ampliar as formas de sociabilidade, lembrar papéis sociais e interpretá-los alegremente, quando existem pessoas que os aglutinam, os ouvem, convidam a ouvir os demais, cantam e evocam a memória afetiva por meio dos recursos sensoriais (sonoros, tácteis, olfativos). Percebemos claramente a necessidade de ampliar o desenvolvimento de práticas que estimulem as funções cognitivas, comunicação, a interação e a sociabilidade porque essas potencializam aspectos da identidade - tais como: papéis sociais, consciência e sentimentos de identificação - que não estão nem perdidos nem esquecidos, mas sim “arquivados” na ausência de vínculos para compartilhar. A meta era recuperar aspectos de socialização na constituição da identidade, usos da memória, conversas, buscando amenizar os estigmas existentes nas idosas que vivem dentro dessa instituição. Isso foi realizado e é importante. Entretanto não pudemos deixar de refletir que o modelo asilar retira o equipamento de identidade e isso não é uma forma de acolhimento e cuidado, por mais que assim desejem, se esforcem e executem os administradores, os técnicos, cuidadores e voluntários. Pode-se sim trabalhar em relação de face-face com os residentes institucionalizados e isso os ajuda, mas os grandes complexos geriátricos, parecem se converter em um sistema que se torna independente das ações humanizadas. Perceber isso e mostrar isso é um compromisso ético com as idosas, com as técnicas, com as cuidadoras com as quais nos relacionamos ao longo de nosso trabalho.

Referências Bibliográficas

- CIAMPA, A. C. A estória do Severino e a história da Severina: Um ensaio de Psicologia Social. SP: Brasiliense, 1985
- GOFFMAN, E. Características das Instituições Totais In Organizações Complexas, Ediouro. Lisboa. 1979
- REBOREDO, L. A. De Eu Tu a Nós: O grupo em movimento como espaço de transformação das relações sociais. Piracicaba: Editora UNIMEP; 1994.
- FIGUEIREDO, R.V. Identidade arquivada: análise de identidade e de mortificação do Eu dos velhos, pelas práticas asilares. Dissertação de Mestrado. 1997. UFMG